



# LIVROS INFERNAIS: analisando a obra de Monteiro Lobato sob a perspectiva do Imaginário Social

## *HELLISH BOOKS: an analysis of Monteiro Lobato's work through the Social Imaginary perspective*

Yago Henrique Andrade Almeida   
Universidade Federal de Minas Gerais

Claudio Paixão Anastácio de Paula   
Universidade Federal de Minas Gerais

Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo   
Universidade Federal de Minas Gerais

---

### RESUMO

Este artigo aborda a temática dos livros infernais e o processo de censura sob a perspectiva do Imaginário. A investigação realizada teve como aporte teórico principal os aspectos simbólicos presentes em contextos de proibição literária baseando-se em autores como Maria Luiza Carneiro (2002), Michel Foucault (1989) e Carlos Serbena (2003). Objetivou-se compreender o Imaginário Social presente durante a ditadura militar brasileira através da comparação das obras *Peter Pan* (1930) e *Reinações de Narizinho* (1931) escritas por Monteiro Lobato, em contraponto ao discurso da máquina ideológica estatal. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1979), configurando-se como uma pesquisa qualitativa. Os resultados mostraram que os discursos dos agentes censores se relacionaram, nessas obras, a cinco categorias discursivas e constatou-se que o imaginário, como função social, é capaz de legitimar regimes através de discursos políticos dados como verdadeiros por estes. Paralelamente, sugere-se a potencialidade da leitura literária infantil para instilar reflexões e crítica em seus leitores.

**Palavras-Chave:** Monteiro Lobato. Imaginário Social. Ditadura militar brasileira. Livros proibidos. Livros infernais.

---

### ABSTRACT

This article approach the theme of hellish books and their censorship processes from the imaginary perspective. The investigation has as main contribution the analysis of the Social Imaginary present in contexts of literary prohibition under the theoretical support of Maria Luiza Carneiro, Michel Foucault and Carlos Serbena. It aimed to understand the Social Imaginary during the Brazilian Dictatorship by comparing two works by the author Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* and *Peter Pan*, as an antithesis to the discourse of the state ideological machine. The methodology used was Bardin's Content Analysis, constituting a qualitative research. The results showed that the censors' speeches were related to five discursive categories and it was verified that the imaginary, as a social function, is able to legitimate regimes through political speeches weighed as true by them. In parallel, the potential of children's literary reading is suggested to instill reflections and criticism in their readers.

**Keywords:** Monteiro Lobato. Social Imaginary. Brazilian Military Dictatorship. Prohibited Books. Hellish Books.

# 1 INTRODUÇÃO

O termo Livros Infernais – descrevendo livros censurados em determinados recortes espaço-temporais por agentes censores – não é usual em Ciência da Informação (CI). Isso foi evidenciado buscando esse termo (processo de busca simples) nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico durante o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica junto ao Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), grupo de pesquisa vinculado à Escola da Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG): não sendo recuperada nenhuma obra na primeira base, e, na segunda, o termo “livros infernais” recuperou aproximadamente 14.500 resultados. Entretanto, esse resultado englobou toda produção com a palavra “infernais” e conteúdos derivados da sua indexação, o que dificultou a filtragem e não tornou preciso o processo de busca, fazendo com que textos que não retratavam os livros infernais – vistos como livros proibidos e/ou censurados – viessem à tona.

O interesse derivado do conhecimento de uma nomenclatura tão densa (“Infernais”) para designar livros censurados, foi responsável pelo desenvolvimento de uma pesquisa que buscou compreender essa literatura sob a perspectiva do imaginário social, frisando o aspecto simbólico da proibição, tendo também como base o entendimento sobre as relações de poder envolvidas nessa proibição baseando-se nos estudos de Michel Foucault (1989).

A investigação foi conduzida tendo como objeto de análise duas obras de Monteiro Lobato (autor censurado pela ditadura): *Reinações de Narizinho* (1931), um dos primeiros livros que inserem o leitor no universo do sítio pica-pau amarelo, e *Peter Pan* (1930), obra que é uma adaptação do livro de mesmo nome de J. M. Barrie. A escolha por esse autor baseou-se em Carneiro (2002), que retratou panoramas onde a política da ditadura brasileira promoveu ações contra artistas, em especial a Lobato, considerado como autor transgressor da moral e dos bons costumes.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender o Imaginário Social presente durante a ditadura militar brasileira através da comparação das obras *Reinações de Narizinho* e *Peter Pan*, escritas por Monteiro Lobato, em contraponto ao discurso da máquina ideológica estatal. Especificamente, buscou-se identificar, a partir do confronto entre o ideário da ditadura militar e os elementos descritos nas obras de Monteiro Lobato, os motivos que possam ter sido causa da proibição desses trabalhos; e identificar perfis que norteiam a descrição de uma das possíveis configurações assumidas por parte do Imaginário Social relacionada à proibição de obras de literatura durante a ditadura militar brasileira. A metodologia utilizada foi o método de Análise de

Conteúdo de Bardin (1979), tendo a análise das motivações censoras sido realizada sob as óticas de Carneiro (2002) e Reimão (2013; 2014).

## 2 PODER E CENSURA

Michel Foucault (1989) apresenta a ideia de poder como algo que transita entre os sujeitos. Para ele, as instituições viabilizam a circulação do poder e ditam as regras do jogo social ao estabelecerem quem terá o poder do discurso; qual status quo será o predominante; quais as visões de mundo que os sujeitos aprenderão; como serão as relações de trabalho; quais as dinâmicas de violência, etc.

Compreende-se assim, em Foucault (1989), a autoridade não apenas como o Estado, mas sim todo tipo de sistema de significação do corpo e das ideias que o formam e o estruturam enquanto sujeito social. Foucault (1998) exemplifica isso ao mencionar o nascimento da medicina social, que se constitui enquanto prática de vigilância ditando normas de comportamento e onde, através da biopolítica, é possível observar as dinâmicas de funcionamento do poder e as resistências que emergem no processo:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto... Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua (FOUCAULT, 1989, p. 81- 82).

Lendo a prática de censura de obras bibliográficas no contexto da ditadura brasileira por uma ótica foucaultiana, nota-se que o poder se manifestava inicialmente como um poder estatal que provia a certos líderes controlarem seus interesses políticos. O que se chama de ditadura militar é o período da história do Brasil, de 1964 a 1985, marcado por uma ampla instabilidade política em relação aos movimentos de esquerda e direita levando em conta suas diferentes vertentes e agentes sociais: enquanto a esquerda era marcada por pautas como a reforma agrária e as condições de trabalho na sociedade da época, a direita era representada pela igreja católica, elite econômica, empresários, etc.

O ideário da ditadura militar se constituiu, assim, em todo o tecido de ideias, práticas, discursos, formas de comunicação, posturas políticas, métodos e técnicas que fazem o poder circular e que possibilitam a legitimação de um regime autoritário. Como uma das práticas ligadas a esse ideário, tem-se a poda da produção cultural que inviabiliza contrapontos políticos mantendo o controle sobre o que era consumido culturalmente, controlando assim a subjetividade do povo (CARNEIRO, 2002).

O governo da ditadura militar brasileira utilizou um conjunto de técnicas e práticas para legitimar o seu ideário, fazendo circular a concentração de poder e segregando o outro polo político (a suposta esquerda comunista), pela proibição de produção e disseminação de obras artísticas, literárias, discursos políticos veiculados, músicas, peças, concertos, etc. Em suma, tinha-se a concepção da produção cultural como formadora da cultura e o que transgredisse a boa moral, deveria ser proibido.

O contexto de proibição bibliográfica no Brasil (CARNEIRO, 2002), em especial no período da ditadura militar mais recente, dialoga, em grande medida, com a obra de Foucault (2014), quando a historiadora pauta sua obra na compreensão das relações de dominação, através do modelo panóptico de “gestão social”. Essa gestão se dá enquanto uma vigilância invisível, sendo os motivos e meios de proibição obscuros, alienando a compreensão do processo. Assim, existia uma constante vigilância na produção intelectual, e artistas e instituições foram alvos dessa vigilância, fazendo com que os agentes não soubessem em qual medida estavam sendo monitorados, ou quais critérios deveriam orientar suas produções para não serem proibidas.

Carneiro (2002, p. 31), ao analisar esse cenário, visualiza a existência de categorias para explicar essa postura estatal, uma delas relacionada com o comunismo, outra com os discursos antipatriotas que criticavam a cultura, a sociedade, o Estado e as instituições (igreja, família, etc.) e que eram amplamente perseguidos, seja explicitamente, através da alegação de imoralidade, ou subrepticamente promovendo um maior controle social e impedindo manifestações populares contra as ações estatais.

O reconhecimento da ética e da moral cristã durante o período do regime era um investimento do Estado, a regra que se seguia era o da manutenção da moralidade cristã, sujeitos identificados no gênero masculino exercendo o papel de trabalhadores investidos em suas famílias, no Estado e na igreja. Mulheres que poderiam exercer o mesmo papel que os homens no que diz respeito ao trabalho, mas, sem interferir no papel social que este performava, deviam servir como

zeladoras dos cidadãos que viriam a fomentar a paz nacional (crianças). Todo estilo de vida que se diferenciava deste era posto como elemento de perigo que deveria ser vigiado pelas autoridades.

Com base nesses extratos pontuados por Carneiro (2002), se torna possível ver como o ideário da ditadura militar brasileira manifestava-se contra figuras que representavam a figura do insurgente. Araújo e Teixeira (2009) em seu trabalho sobre o Imaginário na perspectiva de Gilbert Durand, afirmam que a forma com que as imagens são passadas através dos mecanismos midiáticos e sociais, desde a contação de histórias até técnicas mais refinadas como o cinema estabelece relações e conexões com a sociedade. O Imaginário incorporado nessas imagens viabiliza a linguagem e o trânsito de ideias, em todos os sujeitos, tempos e sociedades e torna possível as relações entre essas três instâncias. É através dessa perspectiva que se torna possível a leitura alternativa do período da ditadura militar brasileira através do Imaginário. Serbena (2003, p.2) já havia destacado essa possibilidade ao mencionar que a operacionalidade da ideologia pode ser constatada “simplesmente assistindo a cobertura da mídia de um evento como uma greve, ou no qual esteja envolvido algo relacionado ao poder”.

### 3 DO IMAGINÁRIO

Segundo Anaz (2018), o Imaginário, no senso comum, remete àquilo que não é real e que está em um local da nossa mente que não viabiliza a sua manifestação exata no real, mas que se manifesta, em moldes como construções, obras artísticas, discursos, livros, etc. O autor, entretanto, busca em Gilbert Durand um entendimento científico sobre o Imaginário. Durand (*apud* ANAZ, 2018) considera que este se estrutura por um processo dialético que agrega as pulsões inerentes à natureza humana e as coerções do mundo exterior, seja as que têm sua origem na natureza, como também as que advêm da sociedade. Este desenvolvimento dialético tem como vetor a imaginação, capacidade cognitiva de atribuir significação a realidade:

O imaginário, para Durand, é um conjunto formado por imagens e é constituído pelo "inconsciente específico" -- que corresponde ao id e também ao ego -- e pela parte "educada", instância superficial, que corresponde ao superego da sociedade. A instância profunda, denominada "inconsciente específico", "guarda" as imagens simbólicas e os esquemas arquetípicos que produzem as imagens arquetípicas. Também no "inconsciente específico" são construídas as estratificações sociais que modelam os papéis conforme classes, faixa etária, sexo, grau de parentesco etc. (DURAND, 1998, p. 93-94 *apud* HOFF, 2004, p. 3).

Para Araújo (2017, p. 6) apresentar o Imaginário como um objeto sobre o qual se insere uma hermenêutica tem se constituído: “um esforço e uma perspectiva que visa resgatar o pensamento simbólico e o símbolo em, como afirma Durand (1988), seu dinamismo instaurativo à procura do

sentido". Para os profissionais da pesquisa, resgatar as análises que têm como base de sentido o Imaginário se faz crucial, visto que a visão positivista de mundo (ARAÚJO, 2017) não dá cabo de sanar determinados questionamentos sobre os movimentos da sociedade. Entendimento que é embasado em Pitta (1995), segundo a qual um estudo que fosse feito com base na observação sensível e subjetiva dos fatos se apresenta como mais adequado para a apreensão de um saber mais denso sobre um objeto de tantas camadas como o ser humano.

Esses argumentos, que evidenciam o Imaginário como integrante do contexto científico, viabilizam a retratação do pensamento simbólico e seu processo de significação como meios de investigação, que possibilitam entender como diferentes sujeitos em épocas diversas na história valoravam o mundo. Essa compreensão considera que, por meio do símbolo, é possível extrair significados que estão relacionados diretamente a realidade, a construção dos sujeitos, imaginando no processo a conjuntura em que esse sujeito está amalgamado.

Araújo (2017, p. 98) resume o entendimento de diversos autores, considerando o Imaginário como a base sobre a qual são elaboradas "todas as concepções de homem, de mundo e da sociedade" e que, por essa característica, permite "compreender o dinamismo que regula a vida social e suas manifestações culturais".

Os estudos sobre o Imaginário se modificam com o tempo, tendo como ponto de partida a análise e o desenvolvimento das mentalidades plurais dos sujeitos em diferentes sociedades, de acordo com Mora (2002) os mitos se apresentam por vezes de maneira autônoma na cultura, se transitando entre os sujeitos, sem estarem sujeitos à racionalidade dos homens. É costumeiro que essa construção imagética leve em conta uma imagem de alguma personalidade, que pode ter sido uma pessoa revolucionária que viveu em algum tempo, mas, que não se tem registro histórico, até figuras que estão presentes nos livros didáticos nas escolas. Mora (2002) aborda essa personificação do imaginário em seu texto evidenciando a figura de Simón Bolívar, revolucionário descolonizador que viveu entre os séculos XVIII e XIX: seus feitos, sua postura política, seus aliados e sua história são elementos fundantes da identidade venezuelana como Abraão é para os judeus.

O Imaginário, visto como substantivo (denominando a substância, a essência, do agente abstrato escultor de imagens mentais) e não como adjetivo (atribuição de algo fictício), é agregado por diversos fenômenos e agentes. Essa estrutura, responsável por modelar as crenças e as referências que descrevem uma cultura ou uma cosmovisão, tem cumprido o papel de transmitir e validar o espírito de cada época ao longo da história humana. O Imaginário, escrito por assim dizer,

com uma letra capitular devido à sua importância, é objeto valioso vítima de tentativas de controle por parte de indivíduos e grupos.

Na sociedade contemporânea, o Imaginário é, de forma bastante análoga, difundido por meio de ideologias e por vezes tem as formas como se manifesta no cotidiano submetidas a tentativas de controle muito mais evidentes. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, no campo da publicidade, que tem sua prática voltada intencionalmente para manipular indivíduos e grupos conduzindo-os a abraçar, não somente a aquisição de bens e serviços não necessariamente urgentes, mas também discursos políticos que são enunciados por autoridades ou por literatos através de hábeis operações produzidas com o intuito de fazer reverberar ideias. De acordo com Maffesoli (2001, p. 76), o imaginário é pode ser compreendido como “algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo [...] é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social”.

Essa visão do autor remete, não a um imaginário individual, mas ao Imaginário de um grupo no qual os sujeitos se encontram inseridos. A produção de sentido é configurada, não apenas pelo conteúdo das informações veiculadas, mas pela ressonância que os símbolos presentes nessas informações produzem nos indivíduos e nos grupos, e pelo sentido que as pessoas podem extrair dessa ressonância (PAULA, 1999). Desse modo, percebe-se que o conceito ligado a um Imaginário Social, que corresponderia a esse cimento social, possibilita, através de suas imagens primordiais, a elaboração de subjetividades, de ações e de instituições, que detêm um sistema comum de significação e que conseguem dialogar, pois possuem os mesmos signos e simbologias, fazendo uso da linguagem.

De acordo com a enunciação acima, tendo o Imaginário como uma representação da identidade de um povo, considera-se ser possível decifrar, através da análise deste, como funciona o gerenciamento do poder, sendo o poder essa estrutura ambígua dentro de cada contexto, se faz necessária a análise panorâmica de cada caso, análise esta que foi desenvolvida neste trabalho tendo por base duas obras de Monteiro Lobato censuradas na ditadura militar brasileira.

#### **4 ANÁLISE SIMBÓLICA DA OBRA DE LOBATO**

Para Carneiro (2002), Lobato era visto, por figuras como o Padre Sales Brasil, como um autor rebelde, comunista, que tentava através de sua literatura deturpar o imaginário das crianças evidenciando a elas as estruturas frágeis e fracas do governo, evidenciando comparações com outros

países (predominantemente europeus), antropologizando animais, legitimando a presença de criaturas fantásticas na literatura, e sobretudo, fomentando posturas insidiosas pelo confronto com figuras de autoridade e situações de risco<sup>1</sup>.

Conforme Padre Sales (*apud* CARNEIRO, 2020), a literatura lobatiana intimava a sociedade civil, impregnava a mente dos leitores por se apresentar como um programa imoral destinado a crianças e adultos na qual se podia ver uma série de negações, como: a da superioridade do cristianismo; a da verdade lógica; a da moralidade do pudor; a da hierarquia social e do direito à propriedade particular; e do respeito devido aos pais, superiores e pessoas idosas; negação da polidez e boas maneiras (CARNEIRO, 2002, p. 157).

Concomitantemente, Penteado (1997) ressalta o potencial doutrinário da obra infantil de Lobato que influenciou, de forma positiva, uma geração de leitores de uma elite intelectual, política e econômica brasileira (2/3 dos 1300 entrevistados no Rio de Janeiro e em São Paulo que, à época do lançamento da obra, tinham entre 48 e 61 anos).

Esses entendimentos sobre Lobato e sua literatura apresentada na obra de Carneiro (2002), aliada às práticas de censura literária, subsidiaram a análise das obras *Reinações de Narzinho* e *Peter Pan*. Utilizando-se a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1979)<sup>2</sup> foi possível elencar cinco categorias capazes de caracterizar o discurso sensor (considerado aqui como a ideologia enunciada pelas autoridades que ocupavam o governo brasileiro durante o regime militar): personagens da fantasia; posturas sedisiosas; empoderamento feminino; apologia ao comunismo; e posturas antipatrióticas.

#### 4.1 Personagens da fantasia

Na literatura lobatiana é possível notar a antropologização de animais, a inserção de figuras fantásticas, seres associados a elementos culturais e regionais do escritor, que alavancam a trama em diversos cenários: “E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz” (LOBATO, [1931], p. 3).

<sup>1</sup> Alguns leitores podem sentir falta de uma referência, no presente estudo, ao inegável perfil racista da obra lobatiana. Ainda que esta seja uma questão de extrema relevância, este não foi um ponto considerado pelos censores para a proibição das obras. Por esse motivo, decidiu-se por não incorporar essa questão nas análises aqui desenvolvidas.

<sup>2</sup> As etapas do método envolveram, em linhas gerais: a leitura geral do material; o recorte desse material em unidades de registro comparáveis com o mesmo conteúdo semântico; o estabelecimento de categorias temáticas utilizando o referencial teórico selecionado para embasar o artigo; o agrupamento das unidades de registro em categorias comuns; e, finalmente; a busca por inferências e interpretações com base no confronto entre o material analisado e o referencial teórico.



Tem-se em vista que as associações satíricas são uma das formas de se criticar uma determinada realidade, como visto nas obras *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell<sup>3</sup>, e *Maus: a história de um sobrevivente*<sup>4</sup>, de Art Spiegelman, usá-las de modo associado ao mundo da fantasia pode levar a uma narrativa eufemizada, mas não menos significativa no que se refere às mensagens que tem por intuito transmitir.

Desse modo, acredita-se que a negação da verdade lógica, por meio da atribuição de características humanas a animais, pode ser visualizada como uma ferida na imagem de superioridade, já que tal ato satiriza a maneira como essas pessoas são significadas dentro da história.

Ao elaborar a obra *Peter Pan*, o autor retrata canonicamente a personagem *Peter Pan* como uma figura do gênero masculino humano e com poderes pertencentes a ordem da fantasia. Essa personagem habita um lugar fantástico intitulado *Terra do Nunca*, onde tem usufruto de seu cotidiano fantástico:

- Mas como é lá na Terra do Nunca? [Pergunta Wendy]
- Oh, uma terra linda, Wendy! Temos piratas terríveis num grande lago, temos alcatéias de lobos famintos que percorrem a floresta e temos uma tribo de índios ferozes, os Peles-Vermelhas, como são chamados. E temos ainda as sereias (LOBATO, [1931], p. 24).

Considera-se que, por constituir-se como uma negação da verdade, a obra poderia incomodar à ordem vigente, inspirada em preceitos da igreja católica, como visto no discurso do Padre Sales Brasil. Tais seres antropomórficos compõem a categoria denominada “Personagens da Fantasia” e retratam, conforme Carneiro (2002), como possíveis motivos de censura, a negação de uma verdade lógica e o incentivo das obscenidades (associação de características humanas a animais), podendo se caracterizar como algo imoral por se manifestar como uma mentira e também por ser um ato de inferiorização do ser humano.

## 4.2 Posturas sediciosas

Neste trecho *Peter Pan* invade voando a casa de Wendy e de sua família através da janela, invasão essa que remete a um comportamento inadequado e insurgente: “[...] a janela foi erguida pelo lado de fora. A cabeça dum menino apareceu. Apareceu, espiou de todos os lados e pulou para dentro do quarto sem fazer o menor barulho” (LOBATO, [1930], p. 18). Peter Pan se apresenta como

<sup>3</sup> ORWELL, George. *A revolução dos bichos*: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>4</sup> SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2005.

uma personagem que confronta os adultos - representados pelos piratas e nega o amadurecimento, como explicitado abaixo:

– Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria, nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara feito taturana. Muito melhor ficar sempre menino, não acha? Por isso fugi e fui viver com as fadas (LOBATO, [1930], p. 21).

Ainda em sua releitura, Monteiro Lobato apresenta, no discurso da boneca Emília, ecos dessa atitude insubordinada e desrespeitosa junto aos adultos mais velhos:

– Cale a boca! – berrou Emília. [dirigindo-se a Tia Nastácia] – Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toicinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beijuda... (LOBATO, [1931], p. 21).

Esses comportamentos caracterizam a categoria “Posturas sediciosas” que se estabelece em conexão com os seguintes tópicos que motivaram a censura retratados em Carneiro (2002): normalização de reinações; fomento das posturas insidiosas por meio da curiosidade e do confronto com figuras de autoridade e situações de risco; da negação da imoralidade da mentira; da negação do respeito devido aos pais, superiores e pessoas idosas.

### 4.3 Empoderamento feminino

A personagem Narizinho, no livro *Reinações de Narizinho*, exerce o papel de protagonista da trama, manifestando em todo seu discurso valores apreendidos através dos ensinamentos de suas cuidadoras, Dona Benta e Tia Nastácia. O autor representa a personagem Narizinho como dotada de uma inteligência aguçada para com a personalidade das outras personagens, destrinchando e prevendo atos antes que os mesmos acontecessem, o que a coloca como uma personagem líder e guia, características majoritariamente inerentes ao protagonismo. No que concerne a essa retratação da personagem, Lobato ressalta a personagem feminina, a colocando em um lugar intelectualmente superior.

– Adivinhe o que trouxe para você! – disse, escondendo atrás das costas um embrulho volumoso.

– Já sei – respondeu a menina incontinenti. – Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos. Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente o que havia trazido.

– Como adivinhou, Narizinho? A menina deu uma risada gostosa.

– Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espertas que os meninos...

– Mas não têm mais muque! – replicou ele com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza do seu bíceps que a ginástica escolar havia desenvolvido. E concluiu: – Com este muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a nossa vida! (LOBATO, [1931], p. 33).

Carneiro (2002) descreve a censura a essa categoria a partir dos seguintes elementos: negação da certeza absoluta relativa ao posicionamento passivo da mulher na sociedade, como aquela que é subserviente a família ao marido. De acordo com Carneiro (2002), da mulher era esperado: fomentar a paz, dedicar a sua vida a igreja e aos bons costumes, mantendo a socialização somente com pessoas pares a classe social a que pertencia. Todo estilo de vida que se diferenciava deste era, no mínimo, posto como elemento de perigo que deveria ser vigiado.

#### 4.4 Apologia ao Comunismo

No decorrer do livro (*Reinações de Narizinho*), Narizinho se torna o retrato da desordem e da insubordinação, já que em diversas partes da obra, a personagem se apresenta como aquela que irá contestar a lógica vigente, os planejamentos de seus companheiros e as falas evidenciadas pelos antagonistas, o que remete a imagem do comunista cauteloso retratado na obra de Carneiro (2002) como aquele indivíduo que promove o caos social de forma escondida, sendo dissimulado, promovendo informações, atos esses que retratam posturas contra o Estado vigente na época.

Enquanto isso se passava no capoeirão dos Tucanos Vermelhos, lá no palácio das Abelhas a menina dizia ao ouvido da boneca:

– Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? [...] Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes.

[...] – Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?”

– Não senhora! – respondeu a abelha. – Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas. Narizinho ficou admirada daquelas idéias, e viu que era assim mesmo. “Que pena que também não seja assim na humanidade!”

– De manhã saímos todas – continuou a abelha – cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que nos alimentamos. Depois guardamos o mel nos favos. Se há concertos a fazer, qualquer uma de nós os faz sem que seja preciso ordem. Se a menina passasse uns tempos aqui havia de gostar tanto que depois não mais se ajearia no reino dos homens (LOBATO, [1931], p. 45).

O extrato acima evidencia a postura e o apoio da personagem em relação a ordem social que vislumbra, a ordem das abelhas que se assemelha a lógica de constituição social de modelos comunistas. Considera-se que o discurso sobre classes, “não há nem rico nem pobre”, pode ter sido um fator preocupante no olhar dos censores, pois transmite a mensagem de pesar pela desigualdade social, abre vazão para se pensar na pobreza e nos problemas econômicos que a englobam.

A apologia ao comunismo se estabelece, portanto, como uma categoria, pois se articula com os argumentos “negação da hierarquia social e negação do direito à propriedade particular”, evidenciados por Carneiro (2002), como razões para a obra lobatiana ser vista como uma produção nociva ao governo autoritário da época.

#### 4.5 Posturas antipatrióticas

Monteiro Lobato é um escritor que evidenciava a “síndrome do vira-lata”. Criado pelo escritor Nelson Rodrigues, o conceito “complexo de vira-lata” definiu a falta de autovalorização dos brasileiros em relação ao resto do mundo, em especial, no que se refere ao contexto europeu. É possível observar essa característica pela descrição que ele faz dos aspectos, das coisas, da cultura que existem em outros países, sempre exaltando de forma exacerbada e comparando negativamente com o mesmo aspecto/elemento em contraponto ao Brasil. Lobato faz isso porque em alguma medida a sua obra viabiliza essa comparação, pelo universo lúdico que a sua obra se situa, sendo este um Brasil rural do século dezenove para o vinte.

- Boi de chuchu, tem? – indagou Emília.
- Talvez não tenha, porque boi de chuchu é brinquedo de meninos da roça, e Londres é uma grande cidade, a maior do mundo. As crianças inglesas são muito mimadas e têm os brinquedos que querem. Os brinquedos ingleses são dos melhores (LOBATO, [1930], p. 13).

No trecho destacado acima há uma postura possivelmente antinacionalista de Lobato ao definir a indústria de brinquedos inglesa como melhores que a brasileira, entendimento que é baseado na argumentação feita por Carneiro (2002, p. 153):

Durante o diálogo com a sua avó, a boneca Emília pergunta se havia "boi de xuxu" entre os brinquedos ingleses, diversão comum nas cidades do interior do Brasil onde as crianças são obrigadas a improvisar brinquedos confeccionados com sabugos de milho, retalhos de panos, caixinhas de fósforos e botões de roupas velhas. Uma das frases que compromete o escritor de Taubaté foi aquela que se referia ao "boi de xuxu" que, segundo Kruehl, tecia críticas à economia nacional.

Desse modo, colocando em pauta a forma simplista como as crianças de classe social mais baixa e do campo constroem e compram seus brinquedos, ele expõe a fragilidade econômica do país, pois a forma de entretenimento que um povo adquire e performa, também retrata a cultura econômica geral deste. Sendo que nos países ditos de primeiro mundo as crianças compram seus brinquedos e por isso não precisam se ocupar de adquiri-los artesanalmente e podem se ocupar e gozar de outras formas de entretenimento pronto para consumo.

Considera-se que a categoria “Posturas Antipatrióticas” se relaciona com o argumento “comparação da realidade brasileira com países europeus”, apresentado por Carneiro (2002), como razões para a obra lobatiana ser encarada como uma produção problemática para o governo da época.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender o Imaginário Social presente na época da ditadura militar brasileira – mais particularmente, a parte dele que buscava um esforço de autolegitimação – através da comparação entre os elementos do enredo e dos personagens das obras *Reinações de Narizinho* e *Peter Pan*, de Monteiro Lobato - obras censuradas durante a ditadura civil-militar brasileira), com o discurso da máquina ideológica estatal resgatada principalmente na historiadora Carneiro (2002). Este trabalho foi motivado pela possibilidade de uma leitura simbólica relacionada à identificação dos elementos responsáveis por caracterizar essas obras dentro da “categoria infernal” e que as fizeram passíveis de monitoramento pelas autoridades (Estado) - culminando na sua censura e proibição – o que poderia permitir uma melhor compreensão do contexto social da época.

Foi evidenciado pelo Imaginário Social que o regime buscava sustentar na época da ditadura militar brasileira era fundamentado em um ideário que reprimia a manifestação da fantasia nas narrativas (pois esta era considerada um conjunto de ilusões, um incentivo à irracionalidade e à negação da verdade); censurava discursos que supostamente continham em si alguma postura sediciosa, talvez porque essas narrativas poderiam incitar uma conduta que estimulasse pensamentos e ações contra a ordem e a autoridade; que fixava em sua sociedade a figura da mulher/menina submissa que cuidava da casa, do marido e que se cercava de bons modos e ideias; reprimia manifestações favoráveis a ideias que poderiam ser associadas ao comunismo, visto (a partir de uma tortuosa simplificação e reelaboração) como uma nova ordem social baseada em uma sociedade igualitária, na propriedade comum em oposição à propriedade privada e na abolição da família de modo que o indivíduo fosse comprometido com o bem público; e que punia manifestações possivelmente antipatrióticas.

Concluiu-se, portanto, que os aspectos presentes nos textos de Lobato, analisados nesse trabalho, denotam características da dinâmica do governo que visava, ao censurar esse tipo de conteúdo, proteger a moral e os bons costumes, bem como a sociedade contra ideias que (supostamente) poderiam desestruturá-la e levá-la ao caos social, como as pregadas pelo regime comunista. Criou-se, assim, a reinterpretação e a condenação de imagens que, a partir de sua evidenciação e censura, demonstraram para o povo grande perigo contido nas obras daquele autor como, seria evidenciado, por exemplo, nas personagens fantásticas como *Peter Pan*, (que negavam a verdade lógica das histórias), nos comportamentos insubordinados e posturas sediciosas em relação a ordem e a autoridade, como os relacionados às personagens femininas Narizinho e Emília, na

estrutura social das abelhas, que poderia ser lida como uma alusão ao modelo comunista, e na menção à superioridade de produtos de outros países, gerando comparações com o modelo governamental vigente, manifestando assim posturas que poderiam ser visualizadas como antipatrióticas. Cada tópico de análise exposto nesta pesquisa tem em si construções imagéticas daquilo que deveria ser combatido e negado pela moral vigente. Assim tem-se a presentificação simbólica de um grande perigo que estava intrínseco na forma de apresentação dessas personagens e também na elaboração das narrativas.

Este grande perigo foi criado e veiculado em diversos meios, sendo responsável por consolidar a existência de um inimigo comum e elaborar um contexto onde esse inimigo pudesse ser constantemente alvejado: pelo mecanismo institucional e legal do Estado; por ações de contenção, apreensão e investigação por parte da força armada do Estado, e pela veiculação e aparelhagem midiáticos que, em diversas medidas, eram condicionadas a publicar informações tendenciosas em relação aos juízos do Estado. Todas essas ações em conjunto e com o tempo ajudaram construir a imagem do outro, do inimigo, daquele e daquilo que devia ser apartado do convívio social.

No que se refere à elaboração de imagens e a forma como está influencia o Imaginário, é possível entender em Serbena (2003) o esclarecimento da relação entre Imaginário, ideologia e representação social. Com as imagens constituindo e se transmutando no Imaginário de uma sociedade, tem-se a livre circulação de ideias possibilitada por todo o “cimento” de estereótipos, pensamentos, concepções de determinado povo, o que acaba por culminar em uma ideologia, isso é, um conjunto de ideias que circulam e operam em lógicas mais ou menos potentes em relação à realidade do convívio e das relações sociais.

Observou-se que em síntese, baseando nas análises de Carlos Serbena (2003), o Imaginário, ao afetar os sujeitos por meio de suas imagens ligadas a crenças e ideologias expressas nos discursos de autoridade, adquire uma função social que pode validar os regimes políticos por incorporar em sua estrutura aspectos dados como verdades por aquelas narrativas que guiam e dão sentido à vida cotidiana.

Sugere-se, com base em Penteadó (1997), o potencial transformador do imaginário – evocado pela obra lobatiana (visto como ameaça pelos militares) – possa ser explorado, dessa vez crítica e reflexivamente, em pesquisas sobre outras obras de literatura infantil.

## REFERÊNCIAS

- ANAZ, Sílvio. **O limite entre o real e o imaginário**. Produção de Casa do Saber. [S.l.]: YouTube, 2018. 1 vídeo (6m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C33fFS7M2FI&t=245s>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.
- ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, 2009.
- ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira. **Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores**. Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula. 2017. 361 f. Tese de Doutorado em Ciência da Informação. Escola da Ciência da Informação. ECI/UFMG, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXVN94/1/tese\\_eliane\\_pawlowski\\_vfinal\\_corrigida\\_apos\\_defesa\\_com\\_ata.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXVN94/1/tese_eliane_pawlowski_vfinal_corrigida_apos_defesa_com_ata.pdf). Acesso em: 4 de jun. de 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 225 p.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. 2. ed. ampl. São Paulo: Ateliê Editorial: FAEESP, 2002. 204p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. [S.l.]: [S. n.], [1931]. Disponível em: <http://www.valdiraguilera.net/bu/sitio-picapau.pdf>. Acesso em 8 fev. 2020a.
- LOBATO, M. **Peter Pan**. [S.l.]: Monteiro Lobato & Cia, [1930]. Disponível em: <http://bedigital.soaresbasto.pt/copsmaster/ebooks/Monteiro%20Lobato/Peter%20Pan%20%2855%29/Peter%20Pan%20-%20Monteiro%20Lobato.pdf>. Acesso em 8 fev. 2020b.
- MAFFESOLI, Michel. **Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade**. Revista Famecos, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.
- MORA, Pascual. **Bolívar, imaginario social**. Cifra Nueva, v. 115, p. 101-113, 2002. Disponível em: <http://licenciados-admvirtuales.tripod.com/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/bolivarimaginariosocial.pdf>. Acesso em 02 de jul. de 2020.
- PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. **Informação e Psicodinâmica organizacional: um estudo teórico**. 1999. 206 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- PENTEADO, J.R.W. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.
- PITTA, D.P.R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Recife: UFPE, 1995. Disponível em: [gpai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc](http://gpai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc). Acesso em: 4 de jun. de 2020.
- REIMÃO, Sandra. O livro Programa de saúde: um caso de censura durante a ditadura militar brasileira. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, supl., p. 1393-1401, nov. 2013.

REIMÃO, Sandra. "Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar. **Estud. av.**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, abr. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso)  
Acesso em 24 Jan. 2020.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 4, n. 52, p. 2-13, 2003.

